

Bresser só acaba moratória

Jornal de Brasília

com refinanciamento

Washington — O Brasil poderia acabar com sua moratória do pagamento de juros aos bancos privados fazendo um pagamento «simbólico», mas só se obtivesse um acordo de refinanciamento de seus compromissos talvez antes ou até 20 de outubro, sem prévia intervenção do Fundo Monetário Internacional, afirmou ontem o ministro da Fazenda, Luis Carlos Bresser Pereira, em entrevista ao término de suas gestões de uma semana em Washington e Nova York.

Bresser afirmou que a intenção não é ir agora ao FMI, mas que, se o Governo decidir fazê-lo mais tarde, ele (Bresser) terá «bons argumentos» para convencer e superar as resistências do presidente da Constituinte e do PMDB, deputado Ulysses Guimarães.

O ministro considerou que a solução final do problema da dívida externa dos países em desenvolvimento é sua substituição por bônus emitidos com um grande desconto sobre o valor nominal e menores taxas de juros, mas lamentou que a comunidade mundial não estivesse madura para isso.

Uma renegociação da dívida externa do Brasil, agora, com os bancos e, em seguida, com o FMI, o Clube de Paris e o Japão «é uma solução parcial» do problema, enfatizou Bresser Pereira.

Ele anunciou que deseja levantar a moratória sobre os juros da dívida dos bancos privados de cerca de 70 bilhões de dólares. Porém manifestou oposição quanto a negociar com o Fundo antes de fazer um acordo com a banca comercial para capitalizar mais de 7 bilhões de dólares — de juros — que vencem em 1987 e 1988.

Zero por cento

O ministro, sempre alternando afirmações com seu característico sorriso, ironizou um erro do jornal «The New York Times», que publicou nota ontem afirmando que o Brasil procurava uma taxa de juros de zero por cento.

O que queremos é que a sobretaxa de risco seja zero, esclareceu.

Bresser Pereira informou que a equipe econômica brasileira preparará nas próximas semanas para as negociações formais com os bancos comerciais, marcadas para setembro, e que também propôs, aos bancos, chegar a um acordo antes de 20 de outubro, data em

que as autoridades financeiras norte-americanas poderiam obrigar as instituições a declarar novamente como «não-produtivos» os créditos devidos pelo Brasil.

A substituição das dívidas externas por bônus emitidos com um desconto — que para o Brasil poderia ser de 30% — com taxas de juros mais baixas, é a única solução a longo prazo para o endividamento do Terceiro Mundo, na opinião de Bresser Pereira, que esclareceu ter sido essa a tese que defendeu nos últimos dias junto aos departamentos do Tesouro e de Estado, à Reserva Federal (Banco Central norte-americano), ao FMI, aos representantes dos bancos particulares e até ao Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca.

Nenhum desses órgãos e entidades manifestou apoio expresso à posição do titular da pasta da Fazenda.

Perdoar

Segundo o ministro, se os Estados Unidos, Grã-Bretanha e França quiserem vender mais aos países endividados, precisam perdoar parte da dívida externa dessas nações para poder contar com os seus mercados.

Essa é uma decisão para o presidente Ronald Reagan e para a primeira-ministra Margaret Thatcher, salientou o ministro, acrescentando, em tom bem humorado, que esses governantes dos países industrializados não se encontram maduros para a hipótese.

Ele admitiu que todos os organismos que visitou, além dos bancos credores, disseram ao Brasil que, para refinar sua dívida, primeiro deve negociar com o FMI. Mas Bresser Pereira ressaltou que se, por um lado não expressaram apoio à tese brasileira, por outro não fizeram objeção a que Brasília tente começar a reescalonar seus compromissos com os bancos privados.

O que queremos é evitar o «pari passu», pelo qual os desembolsos do FMI e os dos bancos privados ficam de tal modo ligados que, caso um país não cumpra com suas obrigações emergentes de um acordo com o Fundo, os desembolsos tanto deste quanto dos bancos acabem paralisados, assinalou. «Ao baixar então a nossa reserva, isso nos obrigaria a declarar uma moratória», acrescentou.